

A arte de contar histórias a partir dos mitos e lendas da Comunidade Toledo Pizza em Parintins-Am

PIRES, Adriana de Souza¹

BATALHA, Cecília Azevedo²

SOUZA, Julielza Batalha de³
Faculdade Integrada do Brasil

Resumo

Os mitos e lendas fazem parte da cultura do homem amazônico, interferindo na formação de sua identidade, onde são apresentadas como uma tentativa de explicar a realidade, como resposta e explicação da origem do mundo e o desenvolvimento do homem, ou seja, essas narrativas mostram o quanto o homem, em sua originalidade pode desenvolver histórias extremamente fantasiosas, que capturam a nossa atenção de tal forma, chegando a nos conduzir a uma viagem maravilhosa ao imaginário do caboclo. E é exatamente a esse respeito que o nosso trabalho se propôs a fazer uma viagem reflexiva sobre os mitos e lendas que encantam nossa região, mostrando sua importância e valorização na formação da identidade cultural de um povo, o que não descarta também a oportunidade de conservar elementos da memória coletiva de pessoas que continuam contando suas histórias e propagando seus saberes populares. De acordo com estes pressupostos nosso principal método foi à história oral, utilizada na coleta dos dados, como forma de obter as narrativas dos comunitários, através da qual foi mostrada a subjetividade de cada história e possibilitou a melhor compreensão destes relatos, utilizados para explicar fatos que chegam a causar pavor e cautela dos comunitários e até mesmo motivar a preservação da natureza.

Palavras-chave: mito, identidade, lendas, cultura, história e memória.

Abstract

Myths and legends are part of the culture of Amazonian man interfering in the formation of their identity, which is presented as an attempt to explain reality, as a response and explanation of the origin of the world and the development of man, ie, these narratives show as man, in its originality can develop extremely fanciful stories that capture our attention in such a way, coming to lead us to a wonderful trip to the imagination of the rustic. And it is precisely in this respect that our work has proposed to do a reflective journey about the myths and legends that delight our region, showing its importance in the formation and enhancement of cultural identity of a people, which does not even rule out the opportunity to save elements of the collective memory of people who keep telling their stories and spreading their popular knowledge. Under these assumptions our main method was the oral history, used in the data collection as a way to get the narratives of community, through which the subjectivity of each story was shown and enabled a better understanding of these reports, used to explain facts arriving to cause fear and caution of community and even motivate the preservation of nature.

Keywords: myth, identity, legends, culture, history and memory.

1 Graduada em História pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Professora. Pós-graduanda em História e Geografia pela Faculdade Integrada do Brasil-FAIBRA. E-mail: piresadriana123@gmail.com

2 Graduada em História pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Professora. Pós-graduanda em História e Geografia pela Faculdade Integrada do Brasil-FAIBRA. E-mail: ceciliabatalha@hotmail.com

3 Graduada em História pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Professora. Pós-graduanda em História e Geografia pela Faculdade Integrada do Brasil-FAIBRA: julielza.batalha@gmail.com

Introdução

A arte de contar histórias é uma prática muito antiga, e ela começa justamente com a história da humanidade, desde os seus primeiros contatos, seu modo de viver e de se expressar foi perpetuado graças à história, graças à arte de se comunicar através de gestos e da oralidade, e assim acontece o repasse de informações que consistem em um fato, um acontecimento ou até mesmo a interpretação de um fenômeno sem explicação e que o homem em sua grande astúcia acabou criando uma explicação que pode ser aceita e assim repassada para as próximas gerações.

Desta forma destacamos a função social que a história possui, pois ela transmite relatos de acontecimentos explicáveis e também aqueles sem explicação lógica, evidente. Quando falamos desses fatos podemos até recordar as primeiras civilizações, que procuravam formas para justificar a sua criação, os fenômenos da natureza e tudo que acontecia ao seu redor, como naquela época não havia pesquisas científicas que pudessem explicar tais fatos, a única saída que o homem encontrou foi agregar valores aos seus deuses, que de tão poderosos criaram tudo que existe sobre a terra.

Com isso podemos dizer que a hermenêutica com que o homem traduziu seus conhecimentos fez justamente emergir diversos mitos e lendas para atribuir veracidade aos fatos sem explicação daquela época. Em consequência as primeiras civilizações deixaram um grande legado cultural pautado nesse universo mítico e fantasioso, que era constante principalmente pela existência do politeísmo religioso que organizava o pensamento de povos como: mesopotâmicos, gregos, romanos, vikings.

Contudo neste contexto é indispensável trabalhar a importância da memória coletiva, fator crucial para o desenvolvimento de uma civilização, pois esta é organizada a partir de saberes que podem ser sistematizados através da narrativa dos fatos, já que em muitas sociedades inicialmente não havia como fazer registros escritos, somente prevalecia a oralidade, o que se transformou em principal condutor de informações.

Enquanto falando das primeiras civilizações, da oralidade, da memória coletiva, quando os mitos e lendas eram formas de conduzir saberes e interpretar fatos do cotidiano daquelas pessoas, transpomos para nossa investigação e assim traremos a tona todos esses fatores na atualidade, em pleno século XXI, quando tudo é informatizado, quando as mídias estão no auge e as pessoas não conversam senão pelo sms, redes sociais, e-mails e outros.

Diante desta realidade se faz necessário refletir sobre a importância da memória coletiva em comunidades da zona rural, locais mais afastados que mesmo assim já são abrangidos por todos esses meios tecnológicos, e, todavia ainda verificamos a existência de contadores de histórias, com suas mentes fantasiosas que contagiam e instigam o pensamento dos mais jovens, que já não tem a mesma habilidade.

Na comunidade pesquisada percebemos que ainda são contadas histórias, entretanto não mais com a mesma frequência de antigamente, pois pelos seus relatos, há um tempo quando não tinham televisão em suas casas eles reuniam a noite, geralmente depois do jantar e contavam as mais diversas histórias, que algumas vezes causava pânico, risos e assim comunicavam fatos corriqueiros do cotidiano daquele povo.

Mitos e lendas na memória coletiva

Com o intuito de falar sobre a arte de contar histórias, pudemos adentrar em um universo cheio de criaturas encantadas, seres desconhecidos, mas que trazem uma característica cultural muito forte, fazendo parte do imaginário de uma comunidade. Construindo assim a identidade de um povo, que fixou suas raízes às margens do rio Amazonas, e mesmo na sociedade pós-moderna ainda resiste com algumas práticas tradicionais, uma delas é contar histórias, que mesmo com tanta modernidade e tecnologia, lá naquela planície, onde pessoas humildes residem, contam para filhos, netos e bisnetos histórias fantásticas, fatos que mexem com o imaginário do caboclo, e faz com a imaginação crie asas e dê vida a todos esses seres.

Para entendermos melhor o significado destes termos, destacamos que de acordo com a origem do termo grego *mytos* que denota dizer, falar, contar tem o contexto histórico em que o mito emerge que é a Grécia antiga, período em que a mitologia, fazia parte do cotidiano da população, muito mais do que faz hoje.

Ao explicar sobre o universo mitológico e lendário existente na comunidade que foi pesquisada, iniciaremos conceituando o mito, que foi um dos temas abordados.

Segundo Everaldo Rocha, podemos conceituar o mito como uma narrativa, e também:

É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais. (pg. 07)

Então em acordo com o que o autor descreve sobre o mito ele evidencia não somente um aspecto social, mas sim vários aspectos em que o ser humano encontra no mito uma forma de se mostrar e evidenciar seu pensamento, dessa forma podemos destacar o mito como uma forma de revelar o pensamento de uma sociedade, ou melhor, a subjetividade desta.

Portanto a partir do conceito de mito, ainda nos resta apresentar outro item também pertencente ao imaginário popular, a lenda, que por sua vez também envolve o imaginário dos indivíduos. Sendo assim podemos defini-la, segundo Bayard (p.10):

A palavra lenda provém do baixo latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires. [...] atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho.

Para melhor compreendermos esses conceitos, podemos perceber que ambos fazem parte das ideias do homem, suas construções e suas leituras de mundo, pois descrevem situações que chegam a dar vida a seres extraordinários e cria através dessas criaturas e histórias um contexto no qual são inseridos. A imaginação do homem se mostra um terreno fértil para desenvolver tramas e situações nas quais ele viaja e se deslumbra diante de um mundo mítico e lendário, que através do senso comum, sem nenhum conhecimento empírico nos dá respostas sobre praticamente tudo que acontecia na natureza.

E neste imaginário vários personagens aparecem, com características diversas que chegam a nos estarrecer com suas narrativas que apresentam um desfecho tão inusitado, como podemos perceber na fala do Sr: Osvaldino Nobre Viana sobre a história do Ticuã, um pássaro que se transforma em homem:

(...) Vou contar do... de uma turma que andavam no mato antes que eles, andavam no mato pra tirando leite de uma madeira que até esqueci o nome né, aí 45 homens, que andavam na mata, era balata né, balata, tirando leite de balata. Aí toda semana ficava um cozinheiro no barracão que eles faziam assim né, improvisado na mata. Daí um certo dia ficou lá um senhor pra fazer a comida lá, aí tinha muita carne de caça lá, ele espalhava lá, aí ele pensou vou tirar lá na mata umas talas pra mim fazer uns paneiros pra mim colocar essas carnes dentro. Aí foi pra lá, e tava lá na mata tirando tala e já fazia tempo também que ele tava longe da mulher dele com os filhos. Aí o Ticuã⁴ começou a cantar pra lá, cantar, cantar. Aí ele começou a ficar

4 Pássaro avermelhado

brabo e chamou logo uns nomes lá pro Ticuã, quando ele chamou nome pro Ticuã lá, não demorou muito apareceu um homem lá, tudo era vermelho assim, a cor do Ticuã né, o sapato era vermelho, calça, camisa, boné. Daí ele perguntou pro homem quem era que tava chamando aqueles nomes lá, ele disse que era ele que..., se fosse menos uma mulher que tivesse cantando lá perto dele tudo bem, mas era o Ticuã. Daí então embora lá no seu barracão, embora, chegou lá ele arriou as talas dele lá, ele pediu o terçado da mão do homem lá, ele deu pra ele, daí ele mandou o homem botar o pé dele lá em cima do pau, e apontou todos os dois pés dele, ficou parece essas estacas apontada, tão hora mesmo ele não fez nada, ele só fez desmanchar a rede dele e deitou lá, se enrolou lá e quando foi quinze (15) horas da tarde a turma chegou lá procurando comida lá, tava pronto e não tinha nada lá, o homem tava enrolado lá na rede, que eles olharam assim o pé dele tava tão apontado que já tinha furado a rede, a rede já tava pro lado da fora da rede. Daí rapaz esse homem já virou bicho, daí ficaram com medo lá, desmancharam rede e comida, botaram pra bordo, que naquela época era aquelas canoas que chamavam de garité né, aí embarcaram lá e quando ficou só um lá ajeitando lá por terra, daí correu, embarcou lá e correu, empurravam a canoa pra fora e saíram remando que não era funcionado a máquina, no remo, e na beira assim tinha um piquizeiro que tinha uma raiz tão grande lá na beira. Daí quando eles percebiam que já iam deixando ele que a canoa ia lá fora, ele alevantou da rede dele, e deu-lhe um pulo pra pular pra cair dentro da canoa, pra furar pra ele alagar e matar o resto, o pessoal lá, só que a força dele não deu, com o salto que ele deu assim, arpuou assim que não errou de cima da raiz do piquizeiro que atravessou, eu vi os dois pés dele lá, e lá ele ficou engatado (risos) que não podia mais sair.

Essa história traz características das figuras maravilhosas criadas pelo imaginário da população local, ao passo que na fala do contador ele transmite empolgação e faz o ouvinte compreender melhor a sua narrativa. Dessa forma temos a apresentação de uma lenda que evidencia um animal com características humanas e poderes excepcionais.

Através desta narrativa podemos explicar melhor a relação entre mitos e lendas, sendo que ambas são tão constantes no imaginário popular, o que em virtude disso se faz necessário explicar mito e lenda juntos, apontada por Bayard (p.11):

O mito é uma forma de lenda; mas os personagens humanos tornam-se divinos, a ação é então sobrenatural e irracional. O tempo nada mais é que uma ficção. Na realidade, essas categorias se embarçam e os mitos são de uma infinita variedade; relacionam-se às religiões, são cosmogônicos, divinos ou heróicos. As lendas, com personagens mais modestos, fazem evoluir mágicas, fadas, bruxas, que, de uma maneira quase divina, influem nos destino.

Dentro deste contexto as narrativas das lendas tem um papel muito importante. Porque a lenda sistematiza e ordena realidades, no ato de sua transmissão oral, envolve tanto o narrador como os ouvintes, vive num tempo e num espaço no qual há reintegração dos acontecimentos da história. Outro exemplo destas narrativas é a lenda do curupira, que é um

personagem apontado como um ser da floresta, como é revelado através da narrativa do Sr Guilherme Ponte Maia, da Comunidade Toledo Pizza:

Era um dia de domingo um homem tinha três filhas, e eles não tinham nada para almoçar, estavam sem nada. Aí o velho disse: - filha nós vamos nessa estrada grande, nós vamos pegar e vamos ver se nós ajunta umas castanhas, porque nós não temos nada para comer. E aí o velho pegou o panelo e as três filhas e saíram. E cada árvore de castanheira eles iam ver ajuntavam umas castanhas e aí naquela volta que eles iam para o lado e para o outro e se perderam no mato, isso já era tarde, eles andaram, andaram, andaram tavam perdido aí eles viram um clarão muito longe. Aí o velho disse: - minha filha, meus filhos sem dúvida aquilo é uma casa. E eles andaram, andaram na direção do clarão, quando eles chegaram lá, era a casa do curupirão o bicho, um bicho muito perigoso e... um moquém assando tudo quanto era qualidade de bicho lá que ele matava, e ficava assando, mas ele não estava lá, aí o velho disse: - filha essa é a casa do bicho, vamos embora daqui. E uma das filhas dele perguntou: - papai eu to muito com fome, me deixa tirar menos já o fígado deste macaco. E aí ele disse: - não, filha, vamos embora ninguém mexe nada, nada vamos embora. E saíram correndo, mas no momento que saíram correndo, ela correu pegou um pedaço do macaco que o fígado né e comeu e foi embora, com uma hora eles correndo aí o bicho chega na casa dele e sentiu que alguém tinha passado lá, aí o bicho gritou, quando o bicho gritou e... aí na barriga da menina gritou e...respondeu, aí o velho disse: - filha por favor que negócio é esse. - Papai eu comi um pedacinho do fígado do macaco. - por que você foi fazer isso vamos correr. E correram, correram, correram, uma prazo de uma meia hora o bicho gritou mais perto e..., e na barriga da menina e... de novo e a menina foi ficando para trás e o velho dizia: - corre, corre, corre e cada vez a menina mais para trás ia ficando devagar não corria mais, e pegaram a estrada grande, e correram e correram quando viram o bicho mais perto gritando e...de novo e na barriga da menina e...e... Aí ela sentou no meio da estrada. - corre filha, corre. Mas ela não tinha mais sustância de correr, que quando eles olharam o bicho vinha atrás... com um cacete que era muito grande, e chegou lá deu uma cacetada na garota pá, brou jogou na costa e saiu desesperado, gritando de alegria e eles pegaram a estrada e correram, correram e chegaram na casa deles muito triste do que tinha acontecido.

Como podemos observar a lenda sempre relata um tempo fabuloso do início de uma determinada realidade, quando o homem e natureza se confundem, numa relação de dependência no ato interpretativo da ocorrência de fenômenos naturais as ações dos deuses. Se for o conceito de lenda com o de mito, os dois se confundem, portanto, tem uma relação e assim transmitem uma narrativa interativa de quem conta com quem ouve, e os fatos relatados são tomados como verdade, dependendo do que está sendo narrado.

De origem indígena ou cabocla, as lendas amazônicas estão na voz dos habitantes da região vivas e presentes, porque se trata da voz da terra, a voz fraternal das comunidades que, reunidas em círculos familiares, buscam preservar as histórias. O manancial da cultura oral encontra-se ameaçado pelas mudanças constantes da forma de organização da sociedade atual

que interfere nos aspectos culturais, dificultando que tais populações se reúnam e exercitem sua memória em torno dessa tradição. (LIMA, 2003).

Realidade mística

Sahlins quer compreender tal singularidade para tanto, atrela seu material empírico a indagação teórica que lhe serve, como reprodução de uma estrutura e se torna sua transformação (Sahlins, 2008, p.28) O que o autor propõe é o duplo exame de como a cultura organiza a história, que, simultaneamente, reproduz e transforma entre a chegada histórica e a prescrição mitológica que funde aos olhos dos que vivem e acreditam nessa conjuntura, organizada culturalmente: em sua continuidade dinâmica se pautam os modos de interpretação e de ação transformando-a em realidade. Tudo ocorre em consonância com as histórias contadas, e muitas vezes há convergência, uma vez que nem todas as histórias são parecidas, pois cada pessoa conta de acordo com seu ponto de vista e com isso muda o roteiro da história. Mas certamente todas essas histórias sobre mito estão pautadas na cultura, onde a história é metafórica em relação ao mito, ou seja, não corresponde de forma restrita, o que tem por consequência uma série de ressignificações estruturais nas décadas que ainda virão.

Ginzburg afirma, com efeito, que a história se joga na faixa intermediária do âmbito situado entre a profundidade abstrata da concretude superficial do evento (Ginzburg, 2007, p.35). Para o autor Sahlins, coloca as convenções em prática e em perigo; assim enquanto este se tem para fazer mediação entre o fundo e a superfície, aquele não abandona seu incessante movimento mediano, interessado, por outro lado, em dar conta de um quadro mais geral; daí tratar de muitos elementos ao mesmo tempo. Exemplo de tais mitos é a história contada a seguir, que trata destes elementos integrantes da mitologia do povo da comunidade Toledo Pizza, o que evidencia que essas histórias contadas foram ouvidas na infância, e permaneceram armazenadas na memória de forma afetiva pelo fato de terem aprendido com seus familiares, valorizando assim a identidade que faz parte. Uma lembrança feliz, e que não se perdeu no tempo, pois o narrador tem o prazer de contar para quem quiser ouvir. Destacaremos a narrativa do Sr: Manoel Gomes dos Santos que nos conta sobre a história da visagem.

É... no município de Santarém no estado do Pará quando meu pai morava lá, tinha uma, uma ponta, chamado é...ponta da, da areia, onde aparecia todo dia aparecia uma, uma visagem que fazia as pessoas correr. Todas as pessoas que iam nessa ponta da areia lá, a visagem corria atrás né, quando foi um dia, foi um senhor... tirar ovos

de tracajá nessa ponta da areia, e tinha um,um riacho um igarapé no meio da,da ponta da areia, e essa visagem corria atrás das pessoas, as pessoas pulavam o igarapé, toda vez acontecia isso, quando foi um dia o senhor foi tirar ovos de tracajá, quando chegou lá... a visagem correu atrás dele, quando a visagem correu atrás dele, ele pulou o igarapé, e a visagem também foi pular, pra pegar ele, um jacaré bateu com o rabo na visagem, que a visagem caiu dentro d'água e se afogou, e até hoje morreu que nós não sabemos mais da visagem.

Se a grande contribuição de Sahlins, a saber, a possibilidade de uma etnografia histórica na qual as dimensões empírica e teórica se ismiucem de forma incessante e ainda está por ser realizada a tarefa de considerar, na medida necessária, o aspecto propriamente político dos objetos sobre os quais tal esforço é empreendido. Tudo isso se remonta através de um estruturalismo, no qual é relatada a história sobre mitos e lenda e, sobretudo a forma como as pessoas relatam suas vivências e experiências acerca daquilo que vivem e acreditam que existe, diante dessas histórias podemos perceber a nossa realidade no qual envolve todos esses causos que parecem tão reais e que fazem parte de nossa cultura, por estar enraizada e tão presente em nossa vida e de nossos antepassados. Contudo o que foi dito, o mito e a realidade se difundem. Pois os mitos são consagrados e se tornam reais através da forma como são contados a sua história.

As histórias são tão fascinantes, que são transmitidas oralmente como se o narrador vivenciasse novamente a referida história. Esses narradores tem o prazer de contar, não somente com palavras, mas com gestos, e isso é o que mais enriquece a narrativa. Como a história do Senhor Osvaldino Viana nos conta sobre uma mulher que come seres humanos:

Dois homens que tavam no barracão de novo no centrão, aí toda tarde o parceiro viu a casa assim alto, assoalho embaixo e outro em cima, um dormia embaixo e outro em cima. Toda a noite ele dizia ele queria que uma mulher aparecesse lá pra ele, e outro dizia que era pra ele parar com aquilo, que eles estavam muito distante onde tivesse gente né. E que nada ele não parava, quando foi certa noite lá na estrada, aquele fogo assim, veio direito no barracão na estrada, o que tava lá embaixo com o rife ficou olhando lá, (...), quando se aproximou assim perto, era uma mulher que vinha com uma lamparina assim em cima da cabeça dela, assim direito lá no barracão. Chegou lá perguntou pelo nome do cara lá, taí em cima, ele dormi lá em cima eu durmo aqui embaixo, aí chamou ele lá e ele mandou que ela subisse pra lá e ficaram pra lá. E ficou percebendo que acontecer pra lá, daí o cara começou ri, ri pra lá, achava muito graça, aí depois calou aquilo pra..., não achou mais graça, quando ele viu que tava pingando aquela água de lá, e...pegou a lamparina dele quando olhou pra lá, só sangue que tava caindo lá de cima e ela tava só comendo já ele, comeu tudinho ele pra lá, e ele foi no escuro assim mesmo, pegou o cavalo dele e saiu na estrada, correu, correu,correu,correu. Quando foi de madrugada, ele saiu atrepou no pau lá, e amarrou o cavalo lá embaixo, quando foi de madrugada, já ia amanhecendo o dia, ela chegou até uma distância, uma mulher e disse que a sorte dele foi que já amanhecendo o dia, porque se não amanhecesse o dia, até ele ia pro dente dela, pra nunca mais eles estarem no mato falando às coisas que não devia né.

Com a leitura dessa narrativa podemos conceber a amplitude do imaginário popular, que é capaz de desenvolver personagens com caráter totalmente fantasmagóricos, a ponto de dar vida e poder a eles. Nisso tudo percebemos a expressão do indivíduo em sua sociedade, que se revela a partir de sua criatividade existencial, entretanto, não há apenas uma maneira humana de ser... Sejam quais forem os demais sentidos da expressão, é uma capacidade de gerar diferença. Nesse processo criativo que se realiza no curso ordinário da vida social, que é a essência da condição de humanidade e se revela como diversidade cultural. A cultura sublinha identidade do ser humano não como organismo biológico, mas como sujeito moral. A condição de pessoa é, portanto, inseparável do pertencimento a uma cultura e ambos são ingredientes cruciais de uma existência humana... Todos os seres humanos são dotados de razão e consciência.

Memoria coletiva e história

A memória é uma faculdade individual, mas os coletivos também recordam. Fazem-no por meio de práticas de recordação. Para tanto, atribuem um valor simbólico a elementos da paisagem, criam artefatos para a recordação ou criam rituais sobre acontecimentos significativos do passado. Tudo isso atua como procedimentos para sintonizar os membros do grupo, para fazer com que recordem o mesmo, que sintam de forma similares, que gerem as mesmas atitudes, que suas formas de atuação sejam coordenadas, que compartilhem a mesma moral, ou seja, que passem de um conjunto de indivíduos a membros de uma comunidade, de um conjunto de eu a nós. Segundo os autores Mario Carretero, Alberto Rosa e Maria Fernanda Gonzáles (pg. 29):

A memória coletiva é, portanto, tudo o que acabamos de mencionar, mas também os mitos, as artes, os relatos compartilhados, todo um imaginário que faz ressoar em cada um os mesmos significados, as mesmas sensações, o que nos permitir viver em nós, distinguindo-nos dos outros. Quando uma comunidade passa um tempo junto, desenvolve suas formas de simbolismo, de emoção, de lembrança compartilhada, de celebração da própria identidade. Nas comunidades primárias, em etnias muito antigas, essa identidade é forte, já desenvolveu sistemas de coesão. Não precisa de fatores externos para tornar mais forte sua identidade, sua coesão interna.

É preciso gerar novos artefatos para a constituição, para a legitimação do poder. Nasce assim à história e, em seguida, o ensino da história. Algo que tornou possível a existência de comunidades imaginadas sobre as que se sustentam os estados nacionais. Um

tipo particular desses artefatos culturais são os que se constituem em mundos relativamente autônomos, da imaginação, e que podem colorir nosso modo de ver o mundo real, que em nosso caso é o passado, entre outras coisas. Mas há outro aspecto em que esses artefatos, incluídos em ações da recordação, podem trazer o passado para o presente e constituir subjetividades. Sedimentam diferentes usos e significados culturais (San Martin, 1999). Por exemplo, parafraseando Fitzgerald (1980), os livros de texto de história (e, acrescentamos as imagens, os relatos, os símbolos e etc.) seriam como cápsulas do tempo que contem as verdades escolhidas para serem transmitidas a posteridade, as novas gerações. Essa transmissão não se dará sem consequências. Como foi dito, uma delas será a formação de certa imagem de si e de outros e de nós mesmos como presentes e passados. A partir dessa característica identitária trazemos histórias que em seu contexto apresentam muito sobre o povo que conta essas narrativas. Como podemos observar na história contada também pelo Sr Guilherme Ponte Maia, da Comunidade Toledo Pizza, sobre o Mapinguari:

Aí eles saíram numa estrada grande né no meio da estrada tinha uma, uma encruzilhada, quando chegaram na encruzilhada um disse olha eu vou na estrada grande e tu vai na encruzilhada, aí ta bem. Aí eles saíram, um saiu pela estrada grande e outro pela encruzilhada, não demorou muito ele ouviu o tiro, o que estava na estrada grande e voltou para esperar o parceiro que tinha tirado, aí deu oito horas, deu nove horas, deu dez horas, nada do rapaz chegar. E ele pegou a estrada e se mandou por onde o rapaz tinha ido, quando chegou lá, longe ele enxergou é (...) pedaço da camisa, pedaço da camisa dele só sangue né, e o rifle caído lá, aí ele viu que (...) o mapinguari né tinha pegado o colega dele (...) e aí ele jogou o rifle e puxou o facão que eles andavam com o facão né, que era amolado de ambos os lados ele começou a brigar com o mapinguari né, aí foi briga, briga, briga até que uma das vezes ele acertou uma apunhalada no bicho (...)aí...aí ele foi furando o bicho, foi furando o bicho até o bicho caiu, quando o bicho caiu, ele terminou de matar o bicho (...)

Através desta narrativa evidenciamos um personagem bem conhecido do caboclo, o Mapinguari, que pode ser encontrado nas florestas amazônicas, como um protetor e também um ser maligno, pois pode capturar aquele que se embrenha no mato, castigando-o com a morte. Em virtude desses fatos muitas pessoas ao ouvirem essas histórias ficam assustadas e amedrontadas, o que faz com que muitos amazonidas ainda respeitem as leis da natureza.

História cultural

Não é nenhuma surpresa constatar que um dos argumentos principais dessa obra de Peter Burke é o de que, nas últimas décadas, os estudos culturais despertaram a atenção de

pesquisadores em vários países. Nesse contexto, historiadores que privilegiavam temáticas econômicas e sociais passaram a dar maior atenção às questões culturais. O mesmo tem ocorrido com historiadores dos eventos políticos, que começam a se interessar pelo que é recentemente definido como cultura política. Apesar da expansão verificada nos domínios da NHC, permanece uma pergunta básica: O que é História Cultural?

Burke constata que houve uma redefinição nos estudos históricos e nas abordagens e discussões teóricas, quando ocorreu a ascensão da História Cultural, por intermédio de uma virada cultural, na qual análises econômicas, políticas e sociais se aproximavam de termos e diagnósticos culturais. E, no limite, reavaliavam antigas questões sob novas designações, como cultura da pobreza, cultura do medo, cultura das armas etc. Embora a pergunta sobre o que é a História Cultural tenha sido feita em 1897 por Karl Lamprecht, Burke observa que uma resposta satisfatória ainda não foi dada.

Além do mais, se, aparentemente, AHC ocupa parte ponderável dos estudos e pesquisas hoje desenvolvidas nas universidades, no campo da História, os novos influxos da produção historiográfica não se limitaram a ela. Não se pode ignorar que a história econômica tem sido revista e renovada em muitos países, do mesmo modo como a História Política e a História das Idéias passam por transformações. Isso tudo acena para a possibilidade, quem sabe, de diálogos frutíferos entre essas subáreas do conhecimento, sem que tal aproximação deva conduzir ao escamoteamento de suas divergências.

Procedimentos metodológicos

Durante nossa investigação contamos com o auxílio de alguns métodos e procedimentos que serão descritos neste item, pois ajudaram na compreensão sobre nosso tema e objeto. O primeiro deles é o método histórico, sendo que estamos trabalhando com a memória de um povo, com fatos e histórias presentes em seu cotidiano, e este veio a intervir em nosso entendimento para que pudéssemos fazer uma relação com os fatos históricos, no caso os mitos e lendas de uma localidade. De acordo com isso temos a função deste método segundo Lakatos e Marconi (2007, p.107):

As instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época. Seu estudo, visando a uma melhor compreensão do papel que atualmente desempenham na sociedade, deve remontar aos períodos de sua formação e de suas modificações.

Então com o uso do método histórico teremos contato com as alterações que ocorreram ao longo do tempo na comunidade pesquisada, sendo que constatamos que há alguns tempos atrás era comum reunir em família e contar histórias, com personagens míticos que despertavam o intelecto e a curiosidade de jovens e crianças.

Em nosso artigo, usamos como técnica de pesquisa a História Oral, que foi instituída em 1948 como técnica moderna de documentação histórica, quando Allan Nevins historiador da Universidade Colômbia, de personalidades importantes da história norte-americana (THOMPSON, 1992:89), é um recurso usado para elaboração de documentos, fazendo-se necessário o uso do questionário, composição de roteiros para realização das entrevistas. Podemos dizer que a história oral é construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admitem heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimulam professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalhos. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história ajudando os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato e compreensão entre classes sociais e entre gerações. Para que outros possam partilhar das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história... Entendida como metodologia, a história oral remete uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica. Esta última evidentemente a transcende e concerne a disciplina como um todo (FERREIRA, M e AMADO, J, In: FERREIRA e AMADO, 1998: Viii).

Dessa forma a história oral preocupa-se em conhecer determinadas realidades, como padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, que traz uma visão mais concreta sobre tais acontecimentos. Haja vista, que fora através de relatos orais que construímos a história mítica daquela comunidade e a importância em documentar essa memória, fazendo com que as pessoas passem a conhecer os mitos e lendas daquela localidade. Sendo assim, é importante enfatizar a importância e a valorização de conversar e ouvir as narrativas dos comunitários, pois cada um tem um modo diferente de contar, e de relatar as suas

experiências, que certamente foi de grande relevância para a nossa pesquisa. Entretanto não podemos excluí-los ou não dar a atenção necessária a essas peculiaridades dos entrevistados.

Portanto não podemos deixar de valorizar qualquer característica da narrativa, sendo que esta traz a realidade do fato, traz assim uma descrição simples da história, deixando transparecer os acontecimentos e assim temos as informações que em virtude de tamanha subjetividade, muitas vezes pode levar a algumas contradições quanto a compreensão dos acontecimentos, porém mesmo correndo este risco não podemos deixar de levar em conta essa subjetividade, como acentua Portelli (1997, p.31):

(...) equalizar o conteúdo emocional das narrativas ao nível da objetividade das fontes escritas, desconsiderando o fator primordial da subjetividade do expositor das fontes orais, pois estas não são objetivas, cujas características essenciais incidem em serem artificiais variáveis e parciais. Fontes orais contam-nos o lado psicológico emocional do povo, quanto não só ao que fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez.

Usaremos como aportes teóricos a Micro-História. Antes de tudo, é preciso deixar claro que a micro-história não se refere necessariamente ao estudo de um espaço físico reduzido ou delimitado, embora isto possa até ocorrer. O que a Micro-História pretende é uma produção na escola de observação, com o intuito de se perceber aspectos que, de outro modo, passariam despercebidos, segundo BARROS (2004).

O nosso campo de pesquisa foi a Comunidade Toledo Pizza, com um total de cinco histórias que foram cedidos pelos comunitários mais antigos daquele lugar. Após a coleta das entrevistas passamos pelo processo de transcrição, o qual consiste em passar para o papel tudo aquilo que foi falado, sem a organização ortográfica, com as repetições, em fim, da forma como o depoente narrou. Temos a transcrição que se entende, por sua vez, a reprodução, num segundo exemplar, de um depoimento, em plena e total conformidade com sua primeira forma, em total identidade, sem nada que o modifique; é aplicado tanto a documentos escritos como a documentos orais... Indica já como preferencial a execução da tarefa pelo próprio pesquisador que realizou a coleta da história de vida ou do depoimento pessoal; pois ele, em princípio, é que está apto a realizar o trabalho de maneira que a escrita reproduza, o mais fielmente possível, a gravação. Ouvir e transcrever a entrevista constitui um exercício de memória em que toda a cena é revivida: uma pausa do informante, uma tremura de voz, uma tonalidade diferente, uma risada, a utilização de determinada palavra em certo momento, reavivam a recordação do estado de espírito que então detectou em seu interlocutor, revelam

aspectos da entrevista que não haviam sido lembrados quando efetuou o registro do dia no caderno de campo, ou mesmo dão a conhecer detalhes que, no momento da entrevista, lhe escaparam... Assim, uma nova experiência da pesquisa, um novo passo em que todo o processamento dela é retomado, com seus envolvimento e emoções, o que leva a aprofundar o significado de certos termos utilizados pelo informante, de certas passagens, de certas histórias que determinado momento foram contadas, de certas mudanças na entonação da voz. É uma tentativa de retardamento da transformação completa do documento oral, com sua vivacidade, colorido e calor humano, no documento escrito inerte, passivo, estático, que, além disso, reproduz somente em parte tudo quanto realmente ocorreu. O pesquisador pode descrevê-lo em palavras, no seu caderno de campo; porém a vida estará sempre ausente.

Diante das pesquisas realizadas, vamos analisar e sintetizar esses conceitos culturais tão importantes no desenvolvimento do nosso trabalho. O análise e síntese são duas formas importantes de se interpretar informações, pois delas que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais, e por meio delas que possível reduzir um todo coerente a seus componentes fundamentais ou combinar elementos para o raciocínio humano. Para resgatarmos todas essas histórias, usamos a história e a memória que são processos sociais e construções do homem, que tem como referencias as experiências individuais e coletivas escritas nos quadros da vida e sociedade... Memória, ao constitui-se como fonte informativa para a história, constitui-se também como fundamento de identidade mediante um processo dinâmico, dialético e potencialmente renovável, que contém no âmago as marcas do passado e as indagações e necessidades do tempo presente, assim afirma DELGADO (2006) quando diz o homem é um se permanentemente em busca de si mesmo, de suas referencias e de seus laços identificadores... (pg.50-51).

Neste sentido, a etnografia se enquadra nesta abordagem, pois busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura, assim a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para a descrição densa do contexto estudado, como afirmam HARMMELEY e ATKSON (1994), ao revelarem que o valor da etnografia como método da pesquisa social está no fato da existência de uma variedade de modelos culturais e do seu significado na compreensão dos processos sociais. Desta forma, a etnografia, como também outras pesquisas quantitativas, busca a inserção no contexto natural para acessar as experiências, aos comportamentos para assim compreender a dinâmica do grupo estudado. Moreira e Caffel (2006) concebem que a pesquisa etnográfica, a exemplo das demais metodologias de pesquisa segue algumas etapas ou procedimentos que facilitam o andamento da investigação como: formular uma questão relevante a ser pesquisada, saber identificar um grupo para estudar a questão, introduzir a proposta de pesquisa ao grupo para a obtenção do

consentimento e do envolvimento. A coleta de dados ocorre a partir da observação participante e contextualizada e de anotações feitas em campo, realizando, posteriormente, uma descrição, detalhada o que favorece a compreensão do problema de pesquisa, comportando, também, outras técnicas complementares (entrevistas, narrativas, história de vida, etc.). Trata-se de um formato investigativo que envolve um longo período de observação para ver, ouvir registrar os eventos, visando entender e validar os significados das ações, a partir da descrição, análise e interpretação dos dados. Os dados, a propósito, devem ser organizados partindo do contexto mais amplo para o particular, favorecendo a micro análise, bem como, a interpretação e explicação dos resultados.

Considerações finais

As questões aqui colocadas são frutos de estudos bibliográficos e de análise de pesquisa sobre fontes orais. É importante enfatizar que nossa análise levou em consideração o interesse dos colaboradores. Nos relatos dos nossos contribuintes identificamos a importância de cada história relatada por cada ribeirinho que fora narrada com bastante entusiasmo. A necessidade de compreender a realidade presente faz com que o homem pós-moderno, que se beneficia do avanço tecnológico para o seu conforto pessoal e sucesso profissional, busque no mito e nas lendas a razão de ser de sua existência, para suprir o vazio que existe na sua vida no que diz respeito a sua própria memória cultural.

É claro que isso se refere ao “homem da cidade”, porque a contemporaneidade das narrativas é muito rica no que se refere a seu significado existencial. Está presente na vida das pessoas e é rememorada através da repetição de atos ritualísticos que se revelam como modalidades de respeito e de muita atenção, aos grandes feitos dos deuses e entes sobrenaturais, realizados de maneira inexplicável, numa dada circunstancia de determinada sociedade, que faz parte da vida das pessoas.

Os mitos e lendas fazem parte da identidade do índio, do caboclo, enfim, daqueles que são encantados pelos diferentes modos e maneiras de retratar a realidade que é o resultado dessa relação entre o homem, sua cultura e o meio em que vive.

Dentro deste foco da questão, as histórias estão presentes na cultura local quando se refere, por exemplo, ao já mencionado homem amazônico, nesse caso, elas estão presente de modo bem acentuado, quando se estabelece a relação entre o homem e o seu meio,

considerando seu conhecimento e sua cultura, adquiridos no cotidiano. Nesse caso o mito faz parte da identidade através das lendas e narrativas contadas e repassadas para os mais jovens.

De acordo com Lima (2003), a lenda é uma narrativa mítica detentora de uma especificidade cultural que carrega consigo elementos socioculturais presentes na vida das pessoas. Dessa forma a narrativa poderá suscitar a sensibilidade dos indivíduos, conduzindo-os ao conhecimento de nova visão de mundo e a construção de novas formas de compreensão de realidades.

Através de todos esses conhecimentos adquiridos ao longo deste trabalho, podemos dizer que ainda existem bastantes histórias que permeiam o imaginário do caboclo, e em consequência conduzem este a um ter um relacionamento de respeito e cuidado com a floresta, a qual deve ser preservada como um patrimônio material e assim as histórias que passam por ela como um patrimônio imaterial da cultura de um povo.

Referências:

ARAÚJO, André Vidal de. *Introdução à Sociologia da Amazônia*. Manaus, Editora Valer, 2003.

BAYARD, Jean Pierre. *História das lendas*. Ed: Ridendo Castigat Mores. Fonte Digital: www.jahr.org

BARROS, José D' Assunção. *O campo da História, especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004.

BURKE, Peter. *História como memória social*. In: *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo. Perspectiva, 1972.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.) *Domínio da História: ensaios de teorias e metodologias*. Rio de Janeiro: Campo, campos, 1987.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidade*. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

DUBAR, C. A. Socialização. *Construção das identidades sociais e profissionais*. Portugal. Porto Editora, 1997.

GROSSI, Yvonne. *Razão Narrativa: significado e memória*. História Oral, São Paulo: ABHO, 2001.

HAMMERSLEY, M; ATKINSON, P. *Etnografía: métodos e investigación*. Barcelona: Paidós, 1994.

JANOTTI, Maria Lourdes. *História Oral: uma utopia?* Revista Brasileira de História. São Paulo. ANPUH, 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LE GOFF, Jacques. *Memória*. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LOZANO, Jorge Eduardo, Aceves In: Ferreira e Amado. *Manual de História Oral*, 1998.

MARIO Carretero, Alberto Rosa e Maria Fernanda González (Orgs). *Ensino da História e Memória Coletiva*. Tradução Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PORTELLI, Alessandro. *O Que Faz A História Oral Diferente*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História, n.º 14, São Paulo, 1.997.

QUEIROZ, Maria Isaura P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. – São Paulo: Brasiliense, 1999. – (Coleção primeiros passos 151)

SAHLINS, Marshall. *Metáforas históricas e realidades míticas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, 175 pp., Il. C col. Antropologia Social, dirigida por Gilberto Velho.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.